

FENÔMENO TRUMP: A LÓGICA SE REPETE NO BRASIL?

Gregório Unbehaun Leal da Silva¹

Resumo: Este levantamento se propõe a analisar estudos de grande vulto acadêmico acerca do fenômeno Trump e da direita populista nos Estados Unidos, a fim de que se possa compará-los com estudos recentes que objetivam explicar as mudanças no jogo político brasileiro, desde a eleição de Jair Bolsonaro. Dalton (2018) considera o elemento do realinhamento, partindo de uma teoria das clivagens de caráter bidimensional, para pensar o crescimento da direita populista nos países de democracia mais afluente. Já Abramowitz (2018), aponta o ressentimento racial e o partidarismo negativo como fatores de destaque. A abordagem de Lilliana Mason (2016, 2018a, 2018b) enfatiza que a ordenação social, mais do que a adesão ideológica e partidária, é a principal responsável pelo grave contexto de polarização afetiva. Por fim, apresenta-se uma análise entre alguns estudos brasileiros, a fim de compará-los aos três estudos norte-americanos. Nesse sentido, destacam-se - para a realidade brasileira - a pertinência da abordagem de Mason, a especificidade do partidarismo negativo, bem como a importância de aprofundar estudos sobre clivagens políticas como as de Moreno (2019) e de Dalton (2018).

Palavras-chave: Clivagens políticas, antipartidarismo, racial resentment, social sorting, realinhamento.

Recebido em: 15/06/2021

Aceito em: 16/12/2021

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina

TRUMP PHENOMENON: IS THE LOGIC REPEATED IN BRAZIL?

Abstract: This survey aims to analyze large academic studies about the Trump phenomenon and the populist right in the United States, in order to compare them with recent studies that aim to explain the changes in the Brazilian political game, since the election of Jair. Bolsonaro. Dalton (2018) considers the element of realignment, starting from a two-dimensional theory of cleavages, to think about the growth of the populist right in countries with more affluent democracy. Abramowitz (2018) points out racial resentment and negative partisanship as prominent factors. Lilliana Mason's approach (2016, 2018a, 2018b) emphasizes that social ordering, more than ideological and partisan adherence, is primarily responsible for the serious context of affective polarization. Finally, an analysis of some Brazilian studies is presented, in order to compare them to the three North American studies. In this sense, the relevance of Mason's approach, the specificity of negative partisanship, as well as the importance of deepening studies on political cleavages such as those of Moreno (2019) and Dalton (2018), stand out for the Brazilian reality.

Keywords: Political cleavages, anti-partisanship, racial resentment, social sorting, realignment.

1. Introdução

País: Estados Unidos da América. Ano: 1950. Local: American Political Science Association (APSA). Os renomados associados, reunidos em um comitê, elaboram um famoso relatório, que deveria incorporar as preocupações referentes ao futuro do regime democrático no país. A baixa adesão partidária nos Estados Unidos é temida nesse diagnóstico. Os membros desse comitê prescrevem partidos com agendas claramente discerníveis, imaginam que o público assim “[...] teria facilidade em fazer boas escolhas políticas, sem coloração por dogmatismo” (SHAPIRO; BLOCH-ELKON, 2008, p. 131, tradução nossa). Mal podiam imaginar o que viria a seguir. O dito relatório fazia uma previsão, que hoje para muitos soaria excêntrica: “Notavelmente, o comitê APSA negou que essa polarização faria com que os partidos erguessem entre si um muro ideológico” (Ibidem, tradução nossa).

Passados muitos anos desde a fatídica reunião, o diagnóstico não poderia estar mais errado. Décadas depois, a tão desejada adesão partidária apresenta níveis bem maiores que os da década de 1950, mas “a coloração por dogmatismo” é uma realidade fortemente presente. Nos estudos estadunidenses aqui analisados, há a tentativa de compreender os determinantes do fenômeno Trump – e de certa forma, tangencialmente, o crescimento da nova direita populista (MUDDE; KALTWASSER, 2012, 2017; NORRIS; INGLEHART, 2019) no mundo.

Esse pequeno ensaio se debruça sobre três teses explicativas de grande vulto, que buscam explicar o fenômeno Trump. Uma delas é a perspectiva de Dalton (2018), que aponta ser o realinhamento o maior responsável. O trabalho de Abramowitz (2018), que é caudatário da tese de crescente polarização afetiva dada especialmente pelo ressentimento racial, também será incorporado. Assim como os trabalhos de Mason (2016, 2018a, 2018b), que adotam a perspectiva da polarização afetiva através da ordenação social. Esse *paper* não visa esgotar o debate, só parte do pressuposto de que essas três ricas análises poderão vir a contribuir para o entendimento dessa temática.

O foco nas três propostas propiciará uma comparação que também será útil para compreensão dos fenômenos políticos de outros países. O trecho final desse *paper* discute a especificidade brasileira, trazendo à luz a comparação dessas perspectivas com resultados de pesquisas recentes (FUKS; MARQUES, 2020; GUEDES-NETO, 2020; FUKS; RIBEIRO; BORBA, 2021; LAYTON et al., 2021). Estas se debruçaram sobre a realidade política brasileira após a eleição de Jair Bolsonaro, para muitos, o “Trump brasileiro”.

Todo esse contexto tem caminhado de mãos dadas com o crescimento de fenômenos como partidarismo negativo e polarização afetiva (SOMMER; MCCOY, 2018; IYENGAR et al., 2019). É sobre esse cenário, para alguns um tanto sombrio (MOUNK, 2019; LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; RUNCIMAN, 2018), que este artigo se insere. Todos os trabalhos citados tentam explicar o fenômeno Trump e a ascensão da polarização nos Estados Unidos. As lições extraídas podem ser

úteis para outros regimes que passaram – ou passam - pela experiência da ação de populistas de extrema direita (MUDDE; KALTWASSER, 2012; 2017), como no caso brasileiro.

Para proceder conforme descrito acima, o que se segue será dividido em cinco partes. A primeira é dedicada à contribuição de Dalton (2018), através da perspectiva das clivagens e do universo bidimensional da política. A segunda se debruça sobre a análise de Abramowitz (2018) acerca do antipartidarismo. A terceira aborda as contribuições de Lilliana Mason (2018a), que adicionam o elemento da ordenação social. A quarta parte traz a síntese dos achados de estudos brasileiros acima mencionados, bem como a apresentação de um quadro sintético em que se relacionam os estudos brasileiros com os dos Estados Unidos. Nas considerações finais, consta a comparação dos achados entre as pesquisas dos dois países, com intuito de analisar possíveis diálogos.

Por fim, cabe enunciar os objetivos desse estudo bibliográfico: proceder um estudo da literatura sobre o caso dos Estados Unidos, através de três perspectivas consolidadas e, por fim, apresentar estudos brasileiros recentes, com vistas a verificar como os processos se dão em um contexto de frágil adesão partidária.

2. Do desalinhamento ao realinhamento

O trabalho de Dalton (2018) dialoga com uma tradição que tem como obra seminal Lipset e Rokkan (1967). O diagnóstico da dupla é conhecido como a teoria das clivagens e apontava que, no contexto das democracias avançadas, haveria uma tendência de que os sistemas partidários se "congelassem". Isso levaria a um alinhamento estável entre eleitores e partidos.

No entanto, desde o final da década de 1970, há teses que apontam para o enfraquecimento desse "congelamento". Uma das teses mais instigantes do período foi a do desalinhamento (DALTON, FLANAGAN E BECK, 1984). Os parâmetros que levaram a tal conceito foram o declínio do comparecimento eleitoral, das taxas de identificação e da militância partidária, bem como o crescimento da volatilidade eleitoral em várias democracias no mundo.

"Enquanto desalinhamento denota o enfraquecimento da estrutura de conflito estabelecida, por realinhamento entendemos o processo de forjar novos vínculos entre partidos e grupos sociais" (BORNSCHIER, 2009, p.1, tradução nossa). Há, então, um *continuum* entre o desalinhamento e a tese do realinhamento. Pode-se exemplificar esse processo com o caso do sucesso dos partidos da nova esquerda na Europa, nos anos 1970. O sucesso da direita populista, segundo Dalton (2018), também pode ser apontado como exemplo.

O que teria causado esses processos? A consolidação do universo político de caráter bidimensional, ao menos nas mais consolidadas democracias do mundo. Se antes a clivagem econômica apresentava relevância destacada e unidimensional, agora, segundo o argumento de Dalton, ela divide espaço com a clivagem cultural.

Quais seriam as clivagens? Quais seriam as identidades sociais comumente associadas às mesmas? Uma delas seria a já clássica clivagem econômica, “[...] definida em temas como políticas tributárias e serviços sociais” (BORBA; SILVA, 2020a, p.3, tradução nossa). Já a clivagem cultural, responsável pelo desalinhamento e realinhamento, é referente a questões como aborto, imigração e meio-ambiente. Essas clivagens tornam mais complexo o “trabalho” do lado da oferta (os partidos políticos), que agora devem buscar oferecer aquilo que agrada a demanda (o público). Essa dinâmica rompe com a ideia de congelamento de Lipset e Rokkan (1967) e aponta a complexidade da questão.

De acordo com Dalton (2018): “Na maioria das democracias afluentes, as respostas dos partidos a essas mudanças nas demandas dos cidadãos produziram um realinhamento para representar as posições econômicas e culturais” (p.215, tradução nossa). Tanto nos países europeus analisados por Dalton, com sistemas multipartidários, quanto na análise do caso estadunidense, essa dinâmica é aparente.

Os Estados Unidos, com um sistema bipartidário *de facto*, não propiciou a criação de novos partidos competitivos. Essa dimensão, entretanto, pode ser comparada com os países europeus, também analisados por Dalton, sendo que uma figura como Bernie Sanders, por exemplo, equivaleria aos movimentos da nova esquerda. Os processos, contudo, são internos nos dois grandes partidos. Isso posto, as prévias passam a ser mais disputadas, como o próprio Dalton (2018) mostra, no capítulo específico dedicado aos Estados Unidos. Em suma, o crescimento de um universo bidimensional na política americana, por seu caráter bipartidário, teria transformado mais os próprios partidos e não criado novos. Logo, conclui-se que o controle do partido republicano por parte de Trump, seria o equivalente realinhamento de fase mais recente associado ao crescimento de direita populista no mundo.

Dentro do argumento de Dalton, momentos de desalinhamento apresentam cenários de dificuldades para os partidos políticos. É assim, uma vez que a oferta partidária deve dar conta da demanda em constante transformação. Deriva daí uma interpretação, em certo modo otimista, sobre a relação entre a mudança eleitoral, processos de realinhamento e democracia. Afinal de contas, o realinhamento na forma como descrito por Dalton (2018), indica que os partidos estão sendo mais responsivos com seus eleitores, incorporando em suas plataformas e ação governamental as várias demandas da sociedade. Tal otimismo, porém, deixa em aberto uma série de dilemas entre responsividade, representatividade e democracia.

3. O ressentimento racial

Se a explicação de Dalton associa o ocorrido nos Estados Unidos com outras partes do mundo, Abramowitz (2018) faz extenso estudo sobre as causas que levaram à polarização nos Estados Unidos. Portanto, seu foco incide numa preocupação em estudar um único fenômeno. O diagnóstico é de que o ressentimento racial seria a principal variável associada a fenômenos como partidarismo negativo e a eleição de Donald Trump.

A polarização, quando está crescendo, segundo Sommer e McCoy (2018): “reforça ressentimentos e contribui para o crescente partidarismo negativo em massa e polarização afetiva” (p.9, tradução nossa). Essa forte lealdade de grupo tem sua contrapartida no conflito entre grupos. Segundo os mesmos autores, isso pode levar ao aumento da intolerância e à distância social.

O debate tradicional sobre polarização esteve fortemente assentado na divisão de grupos a partir de opiniões distintas sobre *issues*, como na análise de Dalton (2018). Abramowitz (2018) chama atenção para um novo tipo de divisão no público de massa, a de base afetiva. Esse fenômeno de animosidade entre grupos é central no argumento e suas origens são buscadas em fatos objetivos da sociedade norte-americana, principalmente, na questão racial.

A chave causal do alinhamento eleitoral está no processo de identificação partidária negativa. O tema da identificação entre eleitores e partidos políticos tem uma importância ímpar na Ciência Política. Compreender esse fato, porém, ressalta o oposto, ou seja, a rejeição aos partidos políticos.

Segundo Abramowitz, esta seria a chave causal mais relevante em termos de capacidade explicativa do comportamento do eleitor americano recente. A atitude política se dá quando grupos se alinham amplamente contra um partido. Isso, em vez de se identificarem positivamente com outro. Essa análise é “facilitada” empiricamente em um sistema bipartidário de fato, como é o caso dos Estados Unidos.

O partidarismo negativo torna muito difícil que um membro do partido A ou um membro do partido B avalie bem um candidato do outro partido, mesmo que o candidato de seu partido de preferência lhe desagrade bastante ²

Segundo Abramowitz (2018), o crescimento do partidarismo é um dos mais importantes desenvolvimentos, na opinião pública americana, desde o pós-guerra. Esse fenômeno não apareceu somente no pleito que consagrou Donald Trump presidente. Um longo processo histórico foi necessário para que se atingisse esse ápice.

Ao longo das últimas décadas, conforme as identidades partidárias tornaram-se cada vez mais alinhadas com outras divisões sociais e políticas, os apoiadores de cada partido passaram a perceber os apoiadores do outro partido como muito diferentes deles próprios em valores e características sociais, bem como em crenças políticas. Essa percepção reforçou suas opiniões fortemente negativas sobre os eleitos do outro partido (ABRAMOWITZ, 2018, p. 5, tradução nossa).

O fim do consenso democrata em torno de Theodore Roosevelt (*New Deal Coalition*), as escolhas do partido democrata por posições favoráveis aos direitos civis de afro-americanos, o

² Fato marcante no pleito de 2016, em que tanto Hillary Clinton, quanto Donald Trump obtiveram os piores resultados entre apoiadores de seus próprios partidos, em série histórica cujos dados vêm desde 1968 (ABRAMOWITZ; WEBSTER, 2018).

posicionamento do partido no caso *Roe vs. Wade*³, o aumento da população não-branca, as crises econômicas e a globalização que afetaram o trabalhador branco não-escolarizado são alguns dos fatos históricos dos últimos 70 anos apontados por Abramowitz (2018) como centrais para entender o fenômeno Trump.

Esses processos fermentaram lentamente, até chegar ao ápice com a eleição de Donald Trump. O *tipping point* aqui foi fruto de uma mudança que remete mais às especificidades dos Estados Unidos do que à modernização, como apontam, em outro estudo, Norris e Inglehart (2019).

Abramowitz (2018) enfatiza a questão racial como especialmente importante para o realinhamento do partido republicano. Para ele, seria como que uma reação aos direitos civis que negros americanos obtiveram de forma gradual, desde os anos 1960. O tema continua "quente" na sociedade civil, com o crescimento do movimento *Black Lives Matter* (RILEY; PETERSON, 2020).

O sentimento de ameaça frente à posição racial democrata, desde os anos 1960, é a chave que liga, segundo Abramowitz (2018), a *issue* da temática racial ao elemento afetivo, por parte dos republicanos que votaram em peso em Donald Trump. Foi esse fator também o responsável pelo processo gradual que deu cabo ao forte consenso do partido democrata que unificava diferentes estratos sociais e regionais. O consenso advinha, segundo Abramowitz, da habilidade política do ex-presidente Theodore Roosevelt.

Outro dado lapidar, nesse sentido, é o aumento do *straight-ticket voting*. Trata-se da atitude política de escolher o mesmo partido em todos os votos. O apontamento desse fenômeno por parte de Abramowitz complementa a análise de Dalton. Abramowitz nota que os anos 1970 e 1980 foram mais marcados por desalinhamento do que por um rearranjo subsequente.

O motivo é que a fidelidade partidária em todos os votos era baixa, esses índices foram subindo lentamente, porém de forma contínua. Essa elevação consistiu em um aumento da fidelidade e, conseqüentemente, em um alinhamento (o termo, em Abramowitz, tem sentido similar ao realinhamento em Dalton) que só foi mais marcante a partir dos anos 1990 (ABRAMOWITZ, 2018, p.45).

Esse fato foi notável entre os democratas, em especial, os mais velhos, da região Sul, ainda apegados às fidelidades do período que antecede a virada de posição do partido na temática racial. Por muito tempo, principalmente no Sul, os eleitores elegiam parlamentares democratas, mesmo diante de fragorosas derrotas no pleito presidencial. Seguindo Abramowitz (2018), é possível notar que foi necessária certa troca geracional para que a antiga fidelidade ao consenso de Roosevelt se esgotasse em todos os níveis.

Embora existam diferenças entre as duas abordagens até aqui analisadas, ambas têm um fio-condutor que as conecta. O estudo de Dalton se ocupa mais da mudança da centralidade das

³ Caso *Roe contra Wade* é o caso judicial pelo qual a Suprema Corte dos Estados Unidos reconheceu o direito ao aborto ou interrupção voluntária da gravidez nos Estados Unidos. O presidente republicano à época, Ronald Reagan, junto com seus colegas de partido, tomou posição fortemente contrária ao direito. Os democratas, por sua vez, posicionaram-se favoravelmente. Essas posições, segundo Abramowitz (2018), acentuaram ainda mais o processo de alinhamento.

questões que passaram a ocupar o debate público nos países de democracia mais consolidada. Seu ponto é de que a clivagem cultural se somou à dimensão econômica e gerou um universo bidimensional, que requereu dos partidos um realinhamento. Abramowitz complementa esse achado apontando que, especificamente nos Estados Unidos, a temática racial teve uma centralidade essencial. Afirma também que o fim do consenso do partido democrata tencionou ainda mais o processo político, gerando elevados níveis de polarização entre o público estadunidense.

Ou seja, no que concerne à vitória de Trump, as duas análises concordam: questões culturais podem ter gerado um rearranjo que desembocou neste resultado. Abramowitz, entretanto, ressalta a afetividade desse processo, com o antipartidarismo e o ressentimento racial como especificidades dos Estados Unidos. A grande diferença, aqui notada, entretanto, está na parte conclusiva dos argumentos. Dalton é mais otimista, apontando para o crescimento de certa congruência entre oferta e demanda partidária nas democracias consolidadas (entre elas os Estados Unidos). Abramowitz, por sua vez, vê com maior preocupação o crescimento da polarização afetiva entre os estadunidenses.

Em suma, o alinhamento partidário descrito por Abramowitz (2018) se deu, mas não com efeitos positivos, como previam os membros da APSA, em 1950. Os efeitos deletérios são visíveis na invasão do Capitólio por parte de manifestantes pró-Trump, em virtude da derrota do republicano no pleito de 2020. O oposto também é verdadeiro, pois não só os partidários republicanos são afetivamente ligados ao processo eleitoral, os do “outro lado” também são. As análises da Lilliana Mason (2016, 2018a, 2018b) contribui ao aprofundar o entendimento do aspecto emotivo nesse contexto.

4. Ordenação social como polarização afetiva: os estudos de Liliana Mason

Mason (2018b) argumenta que os estudiosos perderam uma dimensão importante do partidarismo. Trabalhos anteriores, neste tópico, exploram essa classificação com base em *issues* ou na adesão ao partido. Mason aponta que isso é apenas parte da história. A *social sorting*⁴, que é o processo pelo qual as identidades sociais se alinharam com a adesão a partidos, foi deixada de lado. Em trabalho anterior de nossa autoria, sintetizamos os apontamentos da autora, dando ênfase aos indivíduos de identidade transversal:

É possível traduzir, em poucas linhas, a mensagem principal das descobertas de Mason ao citar o impacto do indivíduo de identidade transversal (ou *cross-cutting identities*) nessas análises. Esse seria importante para a democracia, pois teria identidades sociais que divergem daqueles que são os estereótipos típicos associados a grupos políticos. Por exemplo, no caso americano, seria o negro republicano ou o morador da zona rural democrata. O problema diagnosticado

⁴ Livre tradução: ordenação social.

por Mason é de que esses indivíduos estão em franco declínio. O que se sucede é que as fileiras de apoiadores de ambos os lados da polarização estão cada vez mais socialmente homogêneas. Com a redução contínua desses contatos transversais, há menos chances de contatos intergrupais para conhecer e conviver com o do outro grupo e, assim, estabelecer bases de uma relação amigável. A presença deste cidadão de identidade transversal foi, segundo Mason, essencial para a consolidação do regime democrático nos Estados Unidos. As análises estatísticas apresentadas por Mason são demonstrações fortes de que esse fator imprime maior carga explicativa que a opinião sobre issues e adesão partidária (SILVA, 2021, p. 7).

O achado mais relevante a se ressaltar é o de que estar socialmente distante ou próximo de identidades comumente associadas ao partido, faz com que haja grande oscilação no sentimento de ameaça acerca do partidário rival. O nível de adesão partidária *per se* e a posição sobre *issues*, por outro lado, pouco alteram a propensão a esse sentimento. Outro ponto relevante é que aqueles que dispõem de identidades transversais, são os que menos se sentem ameaçados pelos partidários do outro partido ⁵.

O que se pode deduzir disso? Democratas e republicanos não pensam tão diferente como se supõe, mas se distanciam porque partem do suposto que aquele interlocutor é do outro partido e, portanto, não se deve “gastar tempo” com ele. Para piorar a situação, aqueles com poder de alterar esses preconceitos estabelecidos – os transversais - estão rareando.

Esse processo de ordenação social tem relativo poder de manipulação emocional. A autora nota que são aqueles com identidades sociais mais fortemente associadas ao partido que mais demonstram emoções como ódio e entusiasmo. Esses sentimentos não têm o mesmo efeito com partidários mais fortes em termos de posição ou adesão partidária *per se*. Os americanos, percebe Mason (2016), têm ocupado cada vez menos posições sociais transversais. “Isso deve levar a reações emocionais mais violentas, não importa o quanto possamos realmente concordar com políticas específicas” (MASON, 2016, p. 18, tradução nossa).

A novidade dos trabalhos de Mason, em relação aos que analisamos anteriormente, é a percepção de um afunilamento que leva à homogeneização social dos lados da polarização. Enquanto o foco de Abramowitz (2018) se situa na identificação partidária mais afeita à temática racial, os apontamentos de Mason mostram que o problema tem outra dimensão.

Abramowitz (2018) afirma que uma mudança de política racial no Partido Democrata é a raiz principal da polarização partidária de hoje. Em certo sentido, isso pode ser verdade. Sem a mudança na política de direitos civis, provavelmente, nada que veio depois teria acontecido da mesma maneira. Mas, se uma mudança de política iniciou o caminho para uma nação mais polarizada, os efeitos dessa mudança levaram a política americana em direção a uma divisão partidária cada vez mais social, distante do debate de ideias. Isso é factível quando, analisando dados de 2013, Mason (2018a) notou que a identidade do partido é fortemente prevista pela

⁵ Em Silva (2021) há uma análise mais pormenorizada desses achados.

identidade racial e não pelas posições acerca de políticas raciais. Ou seja, as duas análises não se opõem, se complementam.

Os achados de outro estudo recente (LEE, 2020) atentam para um aspecto que parece confirmar que a identidade associada ao partido parece ter maior peso do que adesão às posições nas *issues*. O estudo aponta que os estereótipos sobre o que se imagina serem democratas ou republicanos parecem ter um impacto decisivo. Estereótipos associados ao carro que dirige, ao tipo de café que se toma, por exemplo, são suficientemente significativos para inibir conversações com pessoas ordenadas socialmente ao outro espectro político

Esse resultado pode ser um sintoma da preocupação com a queda demográfica daqueles com identidades transversais, apontada nos trabalhos de Mason. A soma desses fatores eleva o problema a uma dimensão ainda mais preocupante.

5. E no Brasil?

As mudanças recentes no jogo eleitoral, como a ascensão da direita populista no Brasil, representam um realinhamento? Como esse processo se daria em diferentes sistemas políticos? Apesar de Donald Trump ser um fenômeno obviamente exclusivo da política americana, ele pertence à família dos populismos, do subtipo *right populism*, como tem sido amplamente documentado pela pesquisa comparativa (MUDDE E KALTWASSER, 2012; NORRIS; INGLEHART, 2019, DALTON, 2018).

No que se segue, vamos propor o levantamento de alguns estudos recentes sobre o fenômeno Bolsonaro, a fim de comparar como as três abordagens são aplicáveis ao caso brasileiro. Concluímos que a abordagem de Mason parece ser aquela que encontrou mais eco entre os estudos brasileiros aqui selecionados. Três dos estudos analisados (FUKS; MARQUES, 2020; LAYTON et al., 2021; GUEDES-NETO, 2020) notaram processos que se assemelham ao público brasileiro. A diferença é que, no caso do Brasil, há uma assimetria. Isso se traduz no fato de que a ordenação social é perceptível entre os apoiadores de Bolsonaro, mas não em todo o público.

No que concerne ao estudo das clivagens – como exemplificado por Dalton (2018) - em diferentes contextos, é possível encontrar em Deegan-Krause (2007) um ponto de partida interessante. Esse levantamento bibliográfico traz um apanhado geral sobre as clivagens existentes em várias partes do mundo. Deegan-Krause apresenta estudos realizados acerca das realidades da África, Ásia, América Latina e países pós-comunistas. O estudo de Moreno (2019) é especialmente citado em relação aos dados sobre essas duas últimas regiões.

No caso brasileiro e da maior parte dos outros países latino-americanos analisados, Moreno considera três clivagens políticas principais compondo o contexto nacional. Quais sejam: 1. "*Left-Right materialism*", composta pela tradicional clivagem econômica. 2. "*Liberal-Fundamentalist*", composta por questões de cunho cultural comuns a países com regime

democrático recente, como aborto, nacionalismo e religiosidade. 3. "*Democratic-Authoritarian*", que se refere à polarização acerca dos conceitos de autoritarismo e democracia.

Os dados do estudo do caso brasileiro, em Moreno (2019), são de duas ondas. A primeira é de 1991. A segunda, de 1997. Uma leitura proposta por Moreno é que, na medida em que os regimes democráticos de alguns países latino-americanos (incluído o Brasil) vão se tornando mais fortes, na passagem da primeira para segunda onda, a clivagem democrática/autoritária estaria, aos poucos, se mesclando à cultural. Assim, a tridimensionalidade estaria se alinhando em duas dimensões.

No entanto, há uma ausência de trabalhos que constituem uma continuidade da perspectiva de Moreno (2019). Essa lacuna se dá, em especial, na tentativa de mobilizar quais são as clivagens de opinião pública que dividem a sociedade brasileira. Bornschier (2020) incorpora o Brasil, porém o faz estudando somente a dimensão econômica. Em suma, não foi encontrado trabalho recente nos moldes de Dalton (2018) para a realidade brasileira

Parte do método de Moreno (2019) passa por utilizar apoiadores de partidos políticos como forma de interpretar as possíveis clivagens políticas latino-americanas. O tema da identificação entre eleitores e partidos políticos tem uma longa história na Ciência Política. Independentemente das suas pretensões, os estudos sobre identificação partem de uma asserção básica sobre a sua relevância para a explicação da durabilidade e persistência de partidos e sistemas partidários. A aceitação desse mérito, como mencionado na análise de Abramowitz (2018), porém, faz mister o apontamento de relevância para o seu oposto, ou seja, a rejeição a uma ou mais legendas. Sua operacionalização, em estudos empíricos, foi relegada a segundo plano, na maioria das vezes (RIBEIRO; CARREIRÃO; BORBA, 2011; 2016).

Quadro 1 – Comparação achados Abramowitz (2018), Dalton (2018) e Mason (2016a, 2016b, 2018) e estudos brasileiros

Estudo Estados Unidos	Abordagem Teórica	Estudo Brasil	Principais Achados
Abramowitz(2018)	Antipartidarismo e ressentimento racial	Fuks, Ribeiro e Borba (2020)	Algum nível de antipartidarismo assimétrico
Dalton (2018)	Clivagens Políticas	-	Estudos similares somente com dados anteriores à ascensão de Bolsonaro
Mason(2016,2018a, 2018b)	Ordenação Social	Fuks e Marques (2020)	Polarização afetiva e assimétrica
Mason(2016,2018a, 2018b)	Ordenação Social	Guedes-Neto (2020) e Layton et al. (2021)	Protestantes, brancos e homens ligados ao bolsonarismo

Fonte: Elaborado pelo autor.

O exemplo mais conhecido, na realidade brasileira, acerca de identificação partidária negativa, é o do antipetismo (SAMUELS; ZUCCO, 2018). Atrelado à importância dessa identificação partidária, como elemento do regime democrático, está o quadro de baixa identificação (FREIRE, LLOYD; TURGEON, 2017).

É válido frisar esse aspecto contextual da realidade brasileira. Em novas democracias, como o Brasil, os partidos políticos são um fenômeno relativamente recente e, nesse contexto (CARREIRÃO E RENNÓ, 2019), o partidarismo teve menos tempo para se desenvolver e consolidar posições políticas, fornecendo informações consistentes aos cidadãos. Na prática, muitos cidadãos só podem aprender sobre os partidos políticos e desenvolver simpatias partidárias a partir do comportamento dos políticos e dos acontecimentos políticos e isto demanda tempo (BORGES; VIDIGAL, 2018; FREIRE; LLOYD; TURGEON, 2017). A importância de se entender a especificidade do contexto dialoga com a preocupação presente em Abramowitz (2018).

O quadro 1 faz uma síntese. Para tal, foram analisados estudos sobre os determinantes do fenômeno Bolsonaro no pleito de 2018. Os achados foram comparados com as abordagens de Mason, Abramowitz e Dalton sobre Trump.

Em nosso levantamento, não foi possível encontrar qualquer menção a um realinhamento que incorporasse o fenômeno do bolsonarismo, nos moldes do trabalho de Dalton (2018). Alguns estudos optam por verificar a trajetória da adesão à esquerda e direita, como o de Amaral (2020). Outros, por sua vez, observam uma certa continuidade entre os antipetistas de diferentes anos, como Fuks e Marques (2020).

Argumentamos que o crescimento das *issues* não econômicas foi também detectado entre os brasileiros. Parece evidente que houve sim um acirramento do debate, representado na escolha dos antipetistas pela figura de Jair Bolsonaro. Mas não parece ter ocorrido, até onde pudemos compreender, um processo semelhante ao descrito por Dalton (2018). Um estudo mais aprofundado das clivagens políticas brasileiras poderá futuramente aclarar melhor essa dimensão. Uma suspeita é que a baixa congruência do frágil sistema partidário brasileiro tenha afetado a velocidade de um possível processo de realinhamento.

Em suma, não foi encontrado um estudo que se aproximasse da proposta de Dalton (2018). Nossa análise entende que os estudos de Bornschieer (2020) e Moreno (2019), embora se assemelhem em algum aspecto, não lidam com o fenômeno mais recente do crescimento da direita populista. Enquanto o primeiro aborda somente a clivagem econômica, com dados do início do século, o segundo faz uso de dados dos meados dos anos 1990.

Dada a reconhecida e histórica fragilidade do sistema partidário brasileiro (CARREIRÃO E RENNÓ, 2019), é válido citar a contribuição de Fuks, Ribeiro e Borba (2020). Os autores apontam que o antipetismo foi um fenômeno relevante para o voto em Jair Bolsonaro, em 2018. A novidade do trabalho refere-se, entretanto, ao fato de que a rejeição a vários partidos (e não somente contra o partido rival do segundo turno do pleito) também repercutiu no voto para o candidato de extrema direita. Esse "antipartidarismo generalizado" é ainda maior quando acompanhado de intolerância política. Esse último fenômeno pode motivar a constituição de uma instigante agenda de pesquisa sobre efeitos nocivos do partidarismo negativo, em um contexto partidário frágil como o brasileiro.

Por ser uma análise muito pormenorizada do caso estadunidense, não foi possível encontrar algum correlato mais direto do estudo de Abramowitz (2018) em nosso levantamento. O estudo de Fuks, Ribeiro e Borba (2020), entretanto, ressalta um dos aspectos apontados por Abramowitz (2018), o antipartidarismo. A novidade representada por esse estudo contrasta com os achados acerca do antipartidarismo em estudos anteriores (RIBEIRO; CARREIRÃO; BORBA; 2011; 2016). Ou seja, como em Trump, há suspeitas de que o bolsonarismo tenha aflorado o antipartidarismo, em condições até então inéditas.

Uma vez que houve a detecção desse fenômeno no estudo de Abramowitz (2018), para o caso da eleição de Trump, vale a pena pensar se há alguma relação. Parece, entretanto, haver uma significativa diferença, o partidarismo no país norte-americano é muito consolidado e tem um papel importante. No caso brasileiro, suspeita-se que a rejeição aos partidos está associando o antipartidarismo mais a uma rejeição ao sistema político como um todo. Uma provável hipótese, então, é que as "especificidades" brasileiras - como a Operação Lava Jato e o personalismo característico da democracia brasileira - tenham um papel de destaque nesse sentido. A primeira,

por ter contribuído com a criminalização de toda a atividade política, e a segunda, por ter possibilitado que um político sem um partido forte possa ter vencido o pleito presidencial.

O trabalho de Fuks e Marques (2020) chega a conclusões que se assemelham às de Mason (2016, 2018a, 2018b). Em estudo com banco de dados de opinião pública com amostra da população brasileira, os autores tentam observar duas questões prementes⁶ do debate público e concluem “que a identidade ideológica e as opiniões em relação aos temas são apenas fracamente correlacionadas entre si” (FUKS; MARQUES, 2020, p. 11).

Os resultados dessa mesma pesquisa também apontam que os brasileiros estão mais polarizados afetivamente, sendo que há um aumento significativo “[...] da dispersão em 2018, com os sentimentos dos eleitores mais distantes em relação aos dois competidores nas eleições” (Ibidem, p.7). Os autores afirmam que os brasileiros até podem estar mais polarizados ideologicamente em 2018, do que em 2014, mas que essa polarização é bem menos abrangente do que se supõe normalmente. Além disso, trata-se de uma polarização assimétrica, porque se deu somente quando comparados apoiadores dos candidatos tucanos frente aos apoiadores de Jair Bolsonaro. “Nossos resultados indicam a presença de polarização afetiva, principalmente em relação às lideranças políticas, uma moderada e assimétrica polarização na identificação ideológica e a inexistência de polarização na posição em relação a issues”. (Ibidem, p.11).

O trabalho corrobora tendências encontradas por Lilliana Mason (2016, 2018a, 2018b), em um contexto bem diferente no que se refere ao sistema partidário e à identificação com os partidos existentes. Tudo isso pode ser um indicativo dos efeitos nocivos que tanto preocupam as democracias hoje. A polarização afetiva, segundo os autores, pode afetar a própria legitimidade futura da competição partidária como um todo.

Os achados de Guedes-Neto (2020) são ainda mais próximos aos de Mason. O autor aponta que a *social sorting* é mais factível para prever o alinhamento ao partido de Bolsonaro do que ao dos demais partidos brasileiros. Seus robustos achados demonstram que protestantes, brancos e homens são identidades associadas com essa atitude política.

Partindo de dados de painel realizado em cinco ondas, entre julho de 2018 e janeiro de 2019, Layton et al. (2021) examinou o efeito de clivagens demográficas. Em grande contraste com eleições anteriores, o estudo encontrou clara evidência dessa dimensão. A conclusão dos autores aponta que a candidatura de Jair Bolsonaro fomentou conflito por linhas de gênero, raça e religião. Os achados são similares aos de Guedes-Neto (2020).

Em suma, no que concerne à Mason, parece haver uma boa imbricação. Ou seja, mesmo diante de contextos partidários com diferenças tão pronunciadas, parece que há alguma semelhança entre os casos. Em todos os estudos brasileiros, entretanto, a ordenação social parece evidente somente no caso dos apoiadores de Jair Bolsonaro, o que diferencia os dois países.

⁶ As questões foram essas: “Aprova políticas firmes contra a desigualdade?”; “O quanto o (a) sr./sra. aprova ou desaprova que casais homossexuais tenham o direito de se casar?” (FUKS e MARQUES, 2020, p.10).

6. Considerações finais

Em suma, ao que parece, no Brasil, a relação do cidadão com partidos, personagens da política e com a polarização parecem também gerar efeitos deletérios no regime democrático. No caso dos Estados Unidos, é possível afirmar que a situação política não é a mesma desde a fatídica reunião do comitê da APSA, em 1950. Hoje, os problemas são outros e a apresentação de diagnósticos é válida, dados os problemas discutidos ao longo de todo texto.

“[...] precisamos reconhecer que não vivemos em tempos ordinários” (MOUNK, 2018, p. 37). Um importante apontamento nessa pequena contribuição é o de emitir um alerta de que o problema pode estar na ordenação social. Uma leitura mais atenta aos *insights* de Mason (2016, 2018a, 2018b) podem nos oferecer pistas para lidar com os nocivos efeitos da polarização e do partidarismo negativo.

O sucesso eleitoral do líder populista brasileiro tem muitas semelhanças com o líder populista dos Estados Unidos, mas as diferenças também são notáveis. Em síntese, parece haver algum indicativo de ordenação social associado à polarização afetiva, mas não da mesma monta e profundidade como o apreendido nas análises de Mason (2016, 2018a, 2018b) e Lee (2020). No caso brasileiro, a ordenação social parece mais concentrada entre os apoiadores de Bolsonaro.

O antipartidarismo, destacado por Abramowitz (2018), também é associado ao voto no líder populista Bolsonaro. Porém, esse é intercalado por um outro contexto imbricado pela Operação Lava Jato e pelo elevado personalismo que faz parte do frágil sistema partidário brasileiro.

O trabalho também argumenta que análises aprofundadas das clivagens, como em Dalton (2018) e Moreno (2019), fornecem um enquadramento analítico relevante para se pensar uma instigante agenda de pesquisas ainda pouco explorada no Brasil. Tendo isso em vista, não parece haver, até aqui, um indicativo de um realinhamento na política brasileira, nos mesmos moldes do apresentado por Dalton (2018).

Convém, por fim, ressaltar que os anos dos pleitos presidenciais nos dois países não são os mesmos, há um intervalo de dois anos entre a eleição de Donald Trump e de Jair Bolsonaro. Esse fato é central, uma vez que já foi apontado (RODRIGUES, 2019) que Bolsonaro valeu-se de estratégias semelhantes às de Trump. Sabedor da derrota de Trump, em 2020, como Bolsonaro tentará mobilizar seu eleitorado? O que o pleito de 2022 trará aos apelos do populista da América do Sul?

Como ainda não obtivemos essas respostas e fazendo coro à literatura preocupada com o crescimento populista no mundo (MOUNK, 2019; LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; RUNCIMAN, 2018), convém continuar estudando o tema atentamente, a fim de que essa análise incompleta possa servir de aporte a outras. Assim, será possível analisar a temática à luz de acontecimentos vindouros.

Referências bibliográficas

ABRAMOWITZ, Alan I. **The great alignment: race, party transformation, and the rise of Donald Trump**. New Haven, CT: Yale University Press, 2018. 153 p.

ABRAMOWITZ, A. I., WEBSTER, S.W. Negative partisanship: why Americans dislike parties but behave like rabid partisans. **Advances in Political Psychology** 39(Suppl. 1): 119–135, 2018.

AMARAL, Osvaldo E. do. "The Victory of Jair Bolsonaro According to the Brazilian Electoral Study of 2018. **Bras. Political Sci. Rev.**, v. 14, n. 1, e0004, Jul. 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-3821202000020002>.

BORBA, Julian; SILVA, Gregório Unbehaun Leal da. "E pur si muove!": Russell Dalton and political realignment. **Bras. Political Sci. Rev.**, v. 14, n. 2, e0002, Jul. 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-3821202000020002>.

BORNSCHIER, Simon. Cleavage Politics in Old and New Democracies. **Living Reviews in Democracy**, 2009. Disponível em: https://ethz.ch/content/dam/ethz/special-interest/gess/cis/cis-dam/CIS_DAM_2015/WorkingPapers/Living_Reviews_Democracy/Bornschier.pdf Acesso em 08/04/2021.

BORNSCHIER, Simonsmi. Combining deductive and inductive elements to measure party system responsiveness in challenging contexts: an approach with evidence from Latin America. *Eur Polit Sci* **19**, 2020. p. 540–549. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/s41304-020-00272-z>. Acesso em 08 abr. 2021

CARREIRÃO, Yan; RENNÓ, Lúcio. Presidential voting: Partisanship, Economy, Ideology: Communication. **Routledge Handbook of Brazilian Politics**, Routledge, New York, p. 216-235, 2019. Disponível em: <https://www.routledgehandbooks.com/doi/10.4324/9781315543871-13>. Acesso em: 25 nov. 2020.

DALTON, Russell J., FLANAGAN, Scott E., BECK, Paul A. **Electoral Change in Advanced Industrial Democracies: Realignment or Dealignment?**, Princeton University Press, Princeton, New Jersey; Guildford, Surrey. 1984

DALTON, Russell J. **Political realignment: economics, culture, and electoral change**. Oxford: Oxford University Press, 2018

DEEGAN-KRAUSE, Kevin. New Dimensions of Political Cleavage. In: **The Oxford Handbook of Political Behavior**. Oxford University Press: New York, 2007.

FREIRE, A. ; LLOYD, R. ; TURGEON, M. ; **"Seu Petralha! Seu Coxinha!" - Measuring Affective Polarization in Brazil**. 41o Encontro Anual da ANPOCS. GT 05 - Comportamento, opinião pública e cultura política, 26 de Setembro de 2017. Disponível em: <https://goo.gl/emctwZ> Acesso em 10 de set. 2018.

FUKS, Mario; RIBEIRO, Ednaldo; BORBA, Julian. From Antipetismo to Generalized Antipartisanship: The Impact of Rejection of Political Parties on the 2018 Vote for Bolsonaro. **Bras. Political Sci. Rev.**, São Paulo, v. 15, n. 1, e0005, 2021. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198138212021000100202&lng=en&nr=m=iso. Acesso em 22 mar. 2020. Epub Dec 02, 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-3821202100010003>.

FUKS, Mário; MARQUES, Pedro. Afeto ou ideologia: medindo polarização política no Brasil?. In: **12º ENCONTRO DA ABCP, 2020**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (PB). Área Temática: Comportamento Político e Opinião Pública [...]. [S. l.: s. n.], 2020

GUEDES-NETO, J. V. Voto e identificação partidária em 2018: ordenação social na política brasileira. **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol. 26, nº 3, set.-dez., p. 431-451, 2020.

LAYTON, M. L., SMITH, A. E., MOSELEY, M. W., & COHEN, M. J. Demographic polarization and the rise of the far right: Brazil's 2018 presidential election. **Research & Politics**. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/2053168021990204>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2053168021990204>. Acesso em: 24 mar. 2021.

LEE, Amber Hye-Yon. How the Politicization of Everyday Activities Affects the Public Sphere:: The Effects of Partisan Stereotypes on Cross-Cutting Interactions, Political Communication. **Political Communication**, [s. l.], 2020. DOI: [10.1080/10584609.2020.1799124](https://doi.org/10.1080/10584609.2020.1799124). Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/10584609.2020.1799124?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 23 mar. 2020.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio do de Janeiro: Zahar, 2018.

LIPSET, S. M.; ROKKAN, S. Party systems and voter alignments: cross-national perspectives. Free Press. 1967

MASON, Lilliana. A Cross-Cutting Calm: How Social Sorting Drives Affective Polarization. **Public Opinion Quarterly**, New York: Oxford University Press, v. 80, ISSUE S1, p. 351-377, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1093/poq/nfw001>. Disponível em: <https://academic.oup.com/poq/article/80/S1/351/2223236>. Acesso em: 2 dez. 2020.

MASON, Lilliana. Ideologues without Issues:: The Polarizing Consequences of Ideological Identities. **Public Opinion Quarterly**, New York: Oxford University Press, v. 82, n. ISSUE S1, p. 866-887, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1093/poq/nfy005>. Disponível em: <https://academic.oup.com/poq/article/82/S1/866/4951269>. Acesso em: 27 nov. 2020.

MASON, Lilliana. **Uncivil agreement**: How politics became our identity. Chicago, Illinois: The University of Chicago Press, 2018. 183 p.

MORENO, A. **Political Cleavages**: Issues, Parties and the Consolidation of Democracy. London: Routledge. 2019. Epub.

MOUNK, Y. **O povo contra a democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

- MUDDE, C.; KALTWASSER, C. K. **Populism in Europe and the Americas** : Threat or corrective for democracy? Cambridge University Press, 2012.
- MUDDE, C.; KALTWASSER, C. K.. **Populism**: a very short introduction. New York Oxford University Press, 2017.
- NORRIS, P.; INGLEHART, R. **Cultural backlash**: Trump, Brexit, and authoritarian populism. Cambridge: Cambridge University Press, 2019
- RIBEIRO, E. A. ; CARREIRO, Y. S. ; BORBA, J. Sentimentos partidários e atitudes políticas entre os brasileiros. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 17, nº 2, Novembro. 2011.
- RIBEIRO, E. A. ; CARREIRO, Y. S. ; BORBA, J. Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes. **Opinião Pública**, Campinas , vol. 22, p. 603. 2016.
- RODRIGUES, G. M. A. Trump dos trópicos? Política externa de ultradireita no Brasil. **Análisis Carolina**, v. 6, p. 1–11, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33960/AC_06pt.2019>.
- RUNCIMANN, David. **Como a democracia chega ao fim**. São Paulo: Todavia, 2018.
- SAMUELS, D., & ZUCCO, C. **Partisans, Antipartisans, and Nonpartisans**: Voting Behavior in Brazil. Cambridge: Cambridge University Press, 2018
- SHAPIRO, R.; BLOCH-ELKON, Y. Do the Facts Speak for Themselves? Partisan Disagreement as a Challenge to Democratic Competence. **Critical Review**, [s. l.], v. 20, n. 1-2, p. 115-139, 2008.
- RILEY, Emmitt Y.; PETERSON, Clarissa. I Can't Breathe: Assessing the Role of Racial Resentment and Racial Prejudice in Whites' Feelings toward Black Lives Matter. **National Review of Black Politics**, v. 1, n. 4, p. 496-515, 2020.
- SILVA, Gregório Unbehaun Leal da Silva. Partidarismo como ordenação social: a contribuição de Lilliana Mason. **Almanaque de Ciência Política**, Vitória, vol. 5, n. 2, pp. 01-17, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/almanaque/article/view/35970>. Acesso em 17 ago 2021.
- SOMER, M., & MCCOY, J. Déjà vu? Polarization and Endangered Democracies in the 21st Century. **American Behavioral Scientist**, 62(1), p. 3–15, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/0002764218760371>
- IYENGAR, S., LELKES, Y., LEVENDUSKY, M., MALHOTRA, N., WESTWOOD, S. J. The origins and consequences of affective polarization in the United States. **Annual Review of Political Science**, 22, p. 129–146, 2019.